

ANO IV
1377
PREÇO 500

DIÁRIO POPULAR

LISBOA
Domingo
28
J. Ho

Director: LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Propriedade da Sociedade Industrial da Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 87 — Telefones 28291/2/3 — Endereço Teleg.: «Popular»

ENTRE O CEPTICISMO E A ESPERANÇA

Numa atmosfera internacional que não pode positivamente considerar-se de declarado optimismo, inicia-se amanhã, em Paris, a Conferência da Paz. A avaliar pela leitura dos jornais de todo o mundo, palavras antagónicas condensam as suas perspectivas e constituem o pano de fundo ao grande espectáculo que se anuncia, e o balanço não se pode ainda legitimamente prever; duas palavras são, porém, que correspondem ao balanço de um ano, como elas são, contraditório e paradoxal, corrido entre dificuldades sem fim por sobre a assinatura dos tratados, duas palavras apenas — a primeira o drama de uma grande cepticismo — e esperança.

À luz das fórmulas correntes, épocas normais de equilíbrio a calma espiritual, pareceria haver ligação possível entre o optimismo e a esperança. Nem a filosofia, da ética, ou da pequena experiência quotidiana, seria possível conciliá-las. E, no entanto, corram-se hoje as páginas dos jornais de todos os países: a esperança e o cepticismo andam, de mãos dadas e são duas cartas, as grandes interrogações dos homens, perante a situação que amanhã terá o mundo na cidade que parece ir mudando a pouco e pouco — a hora da latidude — a sua posição de capital do Mundo. Cepticismo e esperança — desastre e símbolo de inquietação humana após seis anos de guerra terrível, e um ano de paz sobressalente. Cepticismo perante os intentos desencadeados, a subversão dos valores espirituais, o esquecimento dos princípios que devem reger as consciências; esperança no futuro recurso do Homem não quer renunciar, que não se descreva de si próprio e muito menos das forças que lhe são superiores e em que sempre se refugia ao cabo de todas as tormentas.

Para além das fórmulas convencionais que vêm à superfície da imprensa, dos discursos oficiais, dos votos formulados em torno das mesas diplomáticas, há, efectivamente, a eterna possibilidade de recuperação, que na vida dos indivíduos, como na vida individual, se confia no futuro; hoje, após a experiência dolorosa que aloja em sangue outras experiências, o Mundo sabe que tem de encontrar em si mesmo, nas suas reservas, a chave do seu destino. No campo prático, os homens não devem esquecer que o problema

(Continua na 7.ª pág.)

PECO A PALAVRA PARA A TERNIDADE

pelo prof. DELFIM SANTOS
Todos sabem que a vida psicológica do homem é excessivamente complexa e obscura, e que as suas reações, joguetes vagando em meio de naufrágio nas ondas alheias da sua emotividade. Por sua vez, a vontade é fraco timoneiro, e a emoção penetra no coração humano. E então tudo se perde à hora do arrependimento. Para este — diz-se — nunca é tarde, pois o homem é tão feliz, que julga ter tempo para tudo. Também todos sabem que as tonalidades da vida afectiva em sociedade, se manifestam naturalmente com períodos de os-

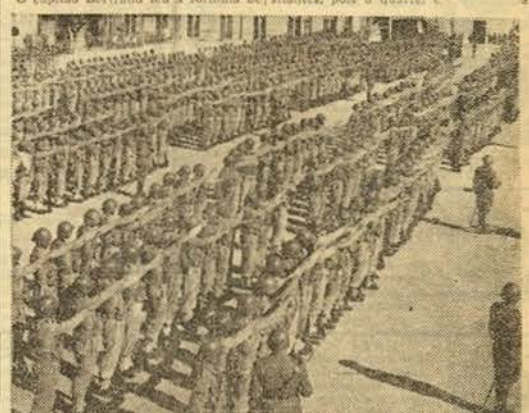
ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OS NOVOS SOLDADOS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS JURARAM BANDEIRA

ÀS CERIMÓNIAS EM CAÇADORES 5 E INFANTARIA 1 ASSISTIU O SUB-SECRETÁRIO DE ESTADO DA GUERRA

Em várias unidades do Governo Militar de Lisboa e em regimentos da Província, efectuaram-se hoje as tradicionais cerimónias de Juramento de Bandeira dos soldados recrutados. No Batalhão de Caçadores 5, a cerimónia, que se efectuou de manhã, foi seguida de festas que duraram todo o dia e devem prolongar-se até quase de manhã. Houve missa por alma dos oficiais, sargentos e praças falecidos e que pertenceram àquela unidade, e às 9 horas, chegou ali o Sub-Secretário de Estado da Guerra, coronel Gomes de Araujo, que foi recebido pelos comandantes, tenente-coronel Vitorino Galvão e capi-

tão Ribeiro Cavais e por numerosos oficiais superiores, entre os quais o Chefe do Estado Maior do Exército, director e inspectores da Arma de Infantaria, oficiais do Governo Militar de Lisboa, etc. Os recrutas formaram na parada e todo o quartel estava visivelmente ornamentado. O capitão Bertrand leu a fórmula de



Um aspecto da cerimónia em Caçadores 5

A PRESENÇA EM PARIS DOS MINISTROS DOS ESTRANGEIROS DA LETÓNIA, ESTÓNIA E LITUÂNIA CRIA UM PROBLEMA DIFÍCIL À CONFERÊNCIA DA PAZ

PARIS, 28. — Espera-se nos dias da Conferência da Paz que a chegada dos ministros dos Estrangeiros da Estónia, Letónia e Lituânia, com o Ministro dos Estrangeiros da Rússia, Molotov, como membros da delegação soviética àquela Conferência, provoque um problema difícil quando o assunto for presente à comissão de credenciais, em consequência dos aliados ainda não terem chegado a acordo sobre o estatuto desses Estados. — (R.)

A CONFUSÃO MORAL

Um artigo de SIMPLEX
O terror actual de atormentados de ontem, que se manifestou na Terra Santa, é um fenómeno que parece escapar a toda e qualquer explicação lógica. Para fazer de Attlee e Bevin adversários do sionismo e cortar cerce a campanha do presidente Truman a favor da imigração judaica na Palestina, era necessário dar mostras duma falta total de responsabilidade. A imprensa inglesa denuncia os «leaders» do «Sterngang» com uma indignação tanto mais forte quanto essa mesma imprensa tinha estado pouco à vontade durante mu-

A CONFUSÃO MORAL

lto tempo em face do conflito árabe-judaico, em que a Inglaterra nada conseguiu desempenhando o papel de árbitro desinteressado. O facto das vítimas do racismo na Europa não terem dado a menor ligação àquelas dos seus correligionários que pregam o fanatismo e praticam a violência mais cega contra os que os acolheram e defenderam dos preconceitos, é mais uma prova da grande confusão moral da nossa época. Sem procurarmos exemplos nos outros continentes, encontramos todos os dias na Europa as consequências mais desconcertantes.

Quando entrevistel o presidente Pierre Etienne Flaind no Hotel Majestic, em Vichy, onde ele es-

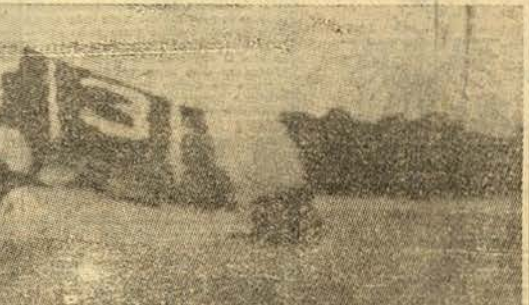
(Continua na 4.ª pág.)

juramento e o 2.º comandante do Batalhão, pronunciou a preleção tradicional. Depois, o Sub-Secretário de Estado da Guerra retirou-se para ir assistir a idêntica cerimónia em Infantaria 1. Seguiram-se, então, os restantes números do programa: ginástica aplicada, lançamento de granadas de fumo e de fogo, ginástica educativa por todos os recrutas; luta a cavalo por condutores, exercícios de metralhadora, tiro de morteiros, exercício de atiradores, construção dum posto de observação, transmissões, tiros de canhão anti-carro e ataque dum pelotão de atiradores. As refeições do dia decorreram normalmente e com a assistência de visitantes, pois o quartel e

(Continua na 6.ª pág.)

HAVERIA NOVA GUERRA SE A RUSSIA TEIMASSE EM CONTINUAR NO AZERBAIJAN

LONDRES, 28. — «Teria havido nova guerra se a Rússia teimasse em permanecer no território do Azerbaidjan», afirmou, numa reunião, o parlamentar conservador Edward Carson. «Se a Rússia tivesse recusado retirar as suas tropas, disse, o curso dos acontecimentos teria sido este: 1 — protestar; 2 — recorrer a sanções; 3 — lançarmo-nos numa nova guerra contra a Rússia. «Seríamos decerto apedrejados pela América e, estou certo, pelas pequenas potências. Simplesmente não creio que a Rússia perante esta eventualidade teimasse em continuar na Pérsia». — (U. P.)



Uma das vítimas da explosão submarina da bomba atómica — o porta-aviões «Saratoga», que a nossa guerra mostra a afundar-se nas águas de Bikini

FRA TER N I D A D E C O N F U S Ã O M O R A L

(Continuação da 1.ª pág.)

Vem isto a propósito do apelo dramático de um dos membros da «UNRRA», actualmente no nosso país, segundo o qual, e citando as palavras do primeiro ministro britânico, «existe apenas um princípio capaz de salvar o mundo: o princípio cristão, que afirma serem todos os homens irmãos entre si. Não pomos em dúvida nem a verdade do princípio, extraordinariamente belo e fecundo, nem a generosidade do apelo, profundamente humano e altruísta. Afirmamos, porém, que antes de mais é necessário torná-lo permanentemente eficiente na consciência dos homens, e não sujeito a crises de esquecimento.

De outro modo, andáremos sempre nesta dança macabra de proclamarmos o evangelho do ódio, quando os homens em guerra se aniquilam, e o evangelho do amor quando forçosamente tiveram de pôr fim à guerra. É triste, mas é realmente assim: os homens vivem com dois evangelhos e esta duplicidade torna-os, em guerra, heréticos no evangelho do amor, embora em paz o heretismo não seja tão completo e sempre se esteja disposto, mais ou menos, a ouvir de quando em vez os versículos inflamados do evangelho do ódio...

Este ritmo oscilante das proclamações evangelísticas já foi teorizado como característica pendular do progresso humano, e assim se tentou esquematicamente interpretar a história da humanidade. Esta — a humanidade — é dotada de memória, que como a dos indivíduos que a compõem, tem duas funções principais: lembrança e esquecimento. O princípio da fraternidade cristã é lembrado aos homens quando não deveria ser necessário lembrá-lo, e esquecido — totalmente esquecido — quando deveria estar bem presente e vivo.

Entre esquecer e lembrar, no plano social, é mais importante a primeira do que a segunda função da memória. O progresso existe, quer individual quer socialmente, porque há esquecimento. Se a memória nada esquecesse, viver-se-ia estaticamente em simples acumulação de experiência e em permanente ressentimento ancestral. Já se pretendeu distinguir o tipo de civilização oriental do tipo da civilização ocidental, pelo facto do homem do ocidente ser um permanente esquecido, enquanto o oriental tudo acumula na sua prodigiosa memória sem esquecimento. Daí o carácter dinâmico da nossa civilização em contraposição ao carac-

ter estático da civilização oriental.

E, continuando esta forma de pensamento, poder-se-ia ainda dizer que a vida só vale na medida em que esqueçamos o vivido e a todo o momento procuramos renovação em melhor acordo com o novo que nos surge e que, porque esqueçamos, não tem semelhança com o que já vivemos. O sol é novo em cada dia, disse Heráclito, e cada dia é novo para cada homem, e só o é realmente se ele esqueceu o anterior. Glória, pois, ao homem que esquece porque dele provem a novidade.

Sim, — poder-se-ia afirmar um pouco cépticamente aos apologistas do esquecimento, — está certo que o homem esqueça tudo quanto poderia ser inibitório da sua auto-afirmação, da sua busca incessante do bom e do belo, mas que esqueça assim tão facilmente as suas relações de família, é talvez um pouco forte, sobretudo quando esse esquecimento o predispõe, sem piedade, a aniquilar aqueles que só mais tarde, e quando o caso é irremediável, se lembra que são seus irmãos.

Se o parentesco tivesse sido agora descoberto, ainda se compreenderia que o homem quisesse penitenciar-se das suas culpas, e pretendesse suavizar os males que, por ignorância, tinha praticado. Mas não é esse o caso. Há cerca de dois mil anos que o homem aceitou na Europa o princípio cristão, citado pelo primeiro ministro britânico, — precisamente na parte do globo onde a fraternidade é mais vezes questionada e posta em dúvida. A não ser que — como já alguém irónicamente disse — não se trate de esquecimento. Trata-se pura e simplesmente da oscilação periódica entre o amor e o ódio a que está sujeito o homem ocidental, e que o força, por impulso da natureza, a odiar para amar e a amar para odiar, mas sempre fraternalmente. Tanta fraternidade é comvente e não é difícil prever que, daqui a algum tempo, em apelo franciscano, o homem pretenda resgatar o mal que fez aos ratos em Bikini, passando a amá-los fraternissimamente...

(Continuação da 1.ª pág.)

perava o desanuviamento da crise entre o marechal Pétain e o presidente Laval, nos primeiros dias de Dezembro de 1940, eu não tinha de forma nenhuma a impressão de ter que me haver com um germanófilo. O homem que fora um partidário de Munique, não escondia que, ao contrário de Laval, não procurava a solução europeia num bloco anti-aliado, mas sim na esperança dum paz com os Aliados na qual a França e as suas colónias seriam a ponte entre a Europa Central e o mundo atlântico. O testemunho dos Churchill, pai e filho, em seu favor, é muito natural, e Flánder pode felicitar-se porque a razão francesa parece ter ultrapassado depressa o estado puramente emocional e cheio de perigos civicos em que os ódios da guerra tornavam impossível qualquer distinção conscienciosa entre o traidor e o patriota. A execução do general Mihailovitch em Belgrado realizou-se num «clima» muito diferente e os observadores do exterior puderam ver o abismo que, na realidade, separa os homens de Moscovo dos Aliados ocidentais em cuja companhia vão ainda sentar-se em volta da mesa redonda. O serviço fúnebre em Londres, esperado por 300 pessoas, das quais muitas de uniforme jugoslavo ou polaco, e na presença das duas cadeiras vazias do Rei e da Rainha destituídos, encontrou a sua réplica no projecto da poderosa colónia sérvia nos Estados Unidos, de erguer em Nova-York uma estátua comemorativa de Mihailovitch com esta amarga inscrição: «Traído pelos Aliados, assassinado por Tito». Os condecorados da sangrenta História do povo sérvio, dirão, talvez, que Mihailovitch não teria hesi-

tado em executar Tito, — mas tais especulações não oferecem nenhuma consolação ante os sucessivos triunfos da violência sobre a razão.

Conspiradores utopistas

A confusão moral do após-guerra tem raízes longínquas no passado, e a História secreta do tempo da guerra revela todos os dias novas tragédias. Há já algum tempo, que nós afirmámos, aqui, que o fim da guerra e a sorte da Alemanha não teriam provavelmente mudado muito se o atentado de 20 de Julho de 1944 contra Hitler não tivesse abortado. Agora, o «Observer», órgão liberal inglês, lança um pouco mais de luz sobre o lado político e civil da chamada «conspiração dos generais». Um verdadeiro parlamento secreto se reuniu com efeito pelo Pentecostes de 1943, em Kreisau, na Silésia, na propriedade dum conde de Moltke, que foi executado mais tarde. Representantes de sindicatos operários secretos encontraram-se ali com homens de Igreja (das duas confissões) e jovens conservadores, para se estabelecer um programa post-hitleriano. O «Observer» cita os capítulos essenciais desses papéis de Kreisau que acha «entristecedores de leitura e fascinantes». Porque as ideias dos conspiradores alemães convergiam no duplo programa dum Alemanha federada no interior de uma Europa unida cujas instituições supra-nacionais, como as Igrejas, Universidades e Sindicatos operários, elevados a um poder independente maior em cada país, deveriam ser os pilares principais. É significativo para o desencantamento do momento presente, que o órgão liberal inglês simpatizando com as ideias progressistas dos infelizes conspiradores, as classifique abertamente de utópicas. «Vimos», escreve o «Observer», «esforços intelectuais semelhantes de pensamento político criador (em particular no seio da Resistência Francesa) que se perderam em seguida na baixa política do dia a dia no âmbito da guerra. Quanto mais descepcionante seria o âmbito da guerra na Alemanha, se

os homens do 20 de Julho tivessem sobrevivido...».

Ocupação e Democracia

O problema alemão que se esperava deixar para muito mais tarde nos conselhos inter-aliados, preocupa os espiritos em Paris, Londres e Nova York, dum maneira tanto mais inquietante quanto eles sentem a falência ameaçadora do Tratado italiano. Sabem que Churchill é o primeiro a deplorar que a parte do leão seja dada à Rússia Soviética. Bem disse que teria sido preferível não se proceder nunca à divisão de Reich nas quatro zonas de ocupação. Por outro lado, os porta-vozes do governo trabalhista lamentam-se da crítica exagerada da situação nacional e internacional em certos órgãos conservadores. Mas é difícil falar de manobra suspeita, quando um antigo correspondente de guerra de elevada categoria, como Alexander Clifford, faz o processo impiedoso do regime de ocupação da Alemanha. Em dois vibrantes artigos que de enviou de Berlim, ao «Daily Mail», Clifford verifica de início que a população alemã, principalmente nos grandes centros industriais da zona britânica, está em vias de morrer de fome lentamente, calmamente e sob uma aparência de higiene.

No sector americano de Berlim, uma espécie de Gallup Poll mostra que 57% das famílias alemãs inquiridas eram sempre da opinião de que o nacional-socialismo era uma coisa boa. Dentre famílias, 10% eram de mesma opinião, apenas sob a única reserva de que tinha havido «bons chefes». Clifford encontra as raízes desta desilusão sobre o presente, na incompatibilidade das duras e, por vezes, insuportáveis realidades da ocupação com a pretensão do próprio ocupante de resinar democracia aos alemães. O articulista citado, considera o primeiro ano como uma oportunidade de «desperdiçada» e conclui creio que o nosso bombardeamento totalmente indiscriminado, não do que a nossa atitude de ocupação de Berlim, mas de que a retenção de prisioneiros alemães no estúpio geográfico; mais do que a nossa desordem administrativa quadripartida; mais do que a nossa inaptidão política; mais do que a que a terrível situação alimentar, dão origem a criar-se exactamente o estado de espírito que menos desejamos.

Os artigos de Clifford podem ser um exemplo máximo dum imprensa não fiscalizada, mas merecem o mérito de exprimir o voto sério e sincero dum homem que tomou parte na guerra pela democracia com distinção, de tomar cuidadosamente o caminho para sair, mesmo, da terrível confusão moral dos nossos dias.

DA COMPRA Precisar V.E.S. JLEANIRO DE VENDA

R. RABARIDA - 51 - TEL. 6458 L. L. B. RUE DE MINEIA 55 - TEL. 41674

OS ASTROS MAIS FULGURANTES

usam os produtos de beleza

WESTMORE especialmente o

Overglo

Creme Líquido Básico



LINDA DARNELL Estrela de 20th Century-Fox



EM HOLLYWOOD nasceu O OVERGLO, maquilagem sensacional que dará beleza A TODAS AS MULHERES

PARA VÓS TAMBÉM o cutis immaculado das estrelas de cinema com apenas uma gota de OVERGLO. Esfregando com os dedos, este preparado extraordinário cobrirá os poros abertos e as rugosinhas, e antes de aplicar o pó e camim a pele adquirirá uma frescura juvenil que durará todo o dia, sem contudo ter aparência de careta. Não se va nem pó nem creme. Não é pastilha nem creme. Com a sua base

de lanolina e óleos emolientes desafia a sujidade e o mau tempo. Um vidinho durará seis meses. Seis lindos matizes. A venda nas boas Perfumarias. Sua toilette estará incompleta se não tem o afamado baton, camim, pó e creme de WESTMORE.



DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL SOCIEDADE TRANSOCEANICA, LDA.

AV. ESPADOS UNIDOS D A AMERICA, 30 — LISBOA

TEM DIFICULDADES em adquirir o seu vestuário?

É que não conheço a casa J. C. Moura, Rua da Atalaia, n.º 145, a qual vende com facilidades de pagamento, assim como todos os artigos de que necessita

Relojoaria ANGULO A PINTO 60MES - R. DA PRATA 148

A maior sortido de relógios Suíça «Omega» e «Tissot»



FABRICAÇÃO SUÇA

Alta qualidade, duração nunca igualada
1 lâmpada \$30 — 10 lâmpadas 7\$50
A venda nas boas casa do País
Agentes no Norte: A. G. L. L. Rua Passos Manuel, 247-2.ª E.

— PORTO —
Representantes:
HUMBERTO P. VIEIRA
C.ª de Faria do Tijolo, 73-D.
L I S B O A

CONCURSO ASPIRANTES CONTABILIDADE PÚBLICA

Funcionários superiores com prática em concursos de promoção e administração.
D-se os informes, exclusivamente para José Carvalho Araújo, 66, 4.ª E. em telef. 24000 das 11 às 18 horas para 23808



É evidente que o melhor porque LIMPO, LUBRIFICADO, COMPLETAMENTE RESGUARDADO E DE FABRICO INGLÊS. STURMEY-ARCHER CARRETOS PARA BICICLETAS

STURMEY-ARCHER GEARS LTD NOTTINGHAM, ENGLAND

SELECÇÃO FOTOCRAFIA 38 — Rua da Mercês-Córcula — 2